

O Livro de Daniel - Número cinquenta e oito

Sabedoria Desvelada: Explorando a Tríplice União e o Enigma do 666 na Profecia

Jeff Pippenger

2024-01-22

Ficou estabelecido, com base em várias testemunhas, que, na história e na profecia, Roma sempre aparece como o oitavo e é dos sete. O enigma profético desse símbolo é parte do que o Leão da tribo de Judá desvenda pouco antes do encerramento do período de prova. Cristo nunca muda e, nas Decepções Primeira e Grande da história milerita, Ele revelou uma verdade que explicou o mistério da decepção.

Após a Primeira Decepção na história milerita, Ele retirou Sua mão de um erro em alguns dos números representados no quadro de 1843. O erro representava o mal-entendido profético que produziu a Decepção. Os mileritas foram finalmente conduzidos a uma série de compreensões que estabeleceram firmemente a data inicial dos dois mil e trezentos dias. Com um ponto de partida firme, que se baseava principalmente na data da cruz, eles então viram que as mesmas evidências proféticas que vinham empregando para identificar 1843 na verdade identificavam não apenas 1844, mas o próprio dia 22 de outubro de 1844.

Após o segundo e Grande Desapontamento, o Senhor mais uma vez revelou uma verdade que respondeu a todos os dilemas proféticos criados pela proclamação incorreta deles de que 22 de outubro de 1844 era a Segunda Vinda de Cristo. O Senhor abriu o assunto do Santuário e as verdades a ele relacionadas, e o Grande Desapontamento foi explicado.

Como povo, devemos ser diligentes estudantes da profecia; não devemos descansar até nos tornarmos bem instruídos quanto ao tema do santuário, o qual é apresentado nas visões de Daniel e João. Este assunto lança grande luz sobre nossa posição e obra atuais e nos dá prova inequívoca de que Deus nos tem conduzido em nossa experiência passada. Ele explica nossa decepção em 1844, mostrando-nos que o santuário a ser purificado não era a Terra, como havíamos suposto, mas que Cristo então entrou no lugar santíssimo do santuário celestial e ali está realizando a obra final de seu ofício sacerdotal, em cumprimento das palavras do anjo ao profeta Daniel: 'Até duas mil e trezentos dias; então o santuário será purificado.'

“Nossa fé, no que diz respeito às mensagens do primeiro, segundo e terceiro anjos, estava correta. Os grandes marcos do caminho pelos quais passamos são inamovíveis. Embora as hostes do inferno possam tentar arrancá-los de seus fundamentos e triunfar pensando que lograram êxito, ainda assim não o conseguem. Esses pilares da verdade permanecem firmes como os montes eternos, inabaláveis por todos os esforços dos homens, combinados com os de Satanás e suas hostes. Podemos aprender muito e devemos estar constantemente examinando as Escrituras para ver se essas coisas são assim. O povo de Deus deve agora manter os olhos fixos no santuário celestial, onde prossegue a ministração final de nosso grande Sumo Sacerdote na obra do juízo — onde Ele intercede por Seu povo.” *Review and Herald*, 27 de

novembro de 1883.

A decepção dos discípulos na crucificação se baseou numa compreensão equivocada do reino que Cristo iria estabelecer na cruz. Os ministérios de João Batista e do apóstolo Paulo incluíram a tarefa de identificar que a dispensação de Israel literal e do santuário terrestre literal havia sido transferida para o Israel espiritual e o santuário celestial espiritual. O Leão da tribo de Judá sempre explica a decepção aos "sábios". A explicação do enigma profético de Roma ser "o oitavo, mas é dos sete" faz parte da obra que o Leão da tribo de Judá está realizando para explicar a decepção de 18 de julho de 2020.

Os mileritas viam Roma como o quarto reino da profecia bíblica e viam a distinção entre o paganismo e o papado, mas não conseguiam ver Roma papal como o quinto reino da profecia bíblica. Pouco depois de 1844, os pioneiros viram que os Estados Unidos eram o próximo reino da profecia bíblica.

Esse reconhecimento está representado no cartaz pioneiro de 1850, mas a capacidade deles de reconhecer a ilustração completa dos reinos da profecia bíblica, conforme representada em Apocalipse capítulo dezessete, estava além de sua compreensão, pois começaram a vaguear pelo deserto de Laodiceia após rejeitarem os “sete tempos” em 1863.

A história do antigo Israel é uma ilustração marcante da experiência passada do povo adventista. Deus conduziu Seu povo no movimento do advento, assim como conduziu os filhos de Israel do Egito. No Grande Desapontamento, sua fé foi provada, assim como a dos hebreus no Mar Vermelho. Se tivessem continuado a confiar na mão guiadora que estivera com eles em sua experiência passada, teriam visto a salvação de Deus. Se todos os que haviam trabalhado unidos na obra em 1844 tivessem recebido a mensagem do terceiro anjo e a tivessem proclamado no poder do Espírito Santo, o Senhor teria operado poderosamente por meio de seus esforços. Uma torrente de luz teria sido derramada sobre o mundo. Há anos os habitantes da terra teriam sido advertidos, a obra final teria sido concluída, e Cristo teria vindo para a redenção de Seu povo.

"Não era a vontade de Deus que Israel peregrinasse quarenta anos no deserto; Ele desejava conduzi-los diretamente à terra de Canaã e estabelecê-los ali, como um povo santo e feliz. Mas 'não puderam entrar por causa da incredulidade.' Hebreus 3:19. Por causa de seu afastamento e apostasia, pereceram no deserto, e outros foram suscitados para entrar na Terra Prometida. De igual modo, não era a vontade de Deus que a vinda de Cristo fosse tão longamente adiada e que Seu povo permanecesse tantos anos neste mundo de pecado e dor. Mas a incredulidade os separou de Deus. Como recusaram realizar a obra que Ele lhes designara, outros foram suscitados para proclamar a mensagem. Por misericórdia para com o mundo, Jesus retarda Sua vinda, para que os pecadores tenham a oportunidade de ouvir a advertência e encontrar nEle um refúgio antes que a ira de Deus seja derramada." O Grande Conflito, 458.

Tanto James quanto Ellen White identificaram que o movimento havia passado para o movimento de Laodiceia em 1856 e, na passagem anterior, ela afirma que "se todos os que haviam trabalhado unidos na obra em 1844 tivessem recebido a mensagem do terceiro anjo e a proclamado no poder do Espírito Santo, o Senhor teria operado poderosamente por meio de seus esforços." Em seguida,

ela diz: "De modo semelhante", o "retrocesso e a apostasia" que o antigo Israel manifestou levaram o antigo Israel a "perecer no deserto." A passagem identifica que o Adventismo laodiceano começou a vagar no deserto no período em que aqueles que haviam proclamado a mensagem do Clamor da Meia-Noite ainda estavam vivos.

Hoje, os teólogos (os eruditos) identificam várias aplicações para o capítulo dezessete do Apocalipse, que são derivadas ou da metodologia do futurismo, que foi inventada pelos jesuítas, ou das práticas teológicas corrompidas do protestantismo apóstata. Os símbolos do capítulo dezessete do Apocalipse são muito simples. Já identificamos os símbolos necessários, portanto voltaremos aos reinos ali representados e os alinharemos com os reinos do capítulo dois de Daniel, pois Jesus sempre ilustra o fim de uma coisa com o princípio de uma coisa.

E são sete reis: cinco já caíram, e um existe, e o outro ainda não veio; e, quando vier, deve permanecer por pouco tempo. E a besta que era e já não é, é também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição. E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam reino; mas receberão poder como reis por uma hora, com a besta. Apocalipse 17:10-12.

No versículo três, João foi transportado espiritualmente para 1798. Naquele ponto da história, foi-lhe dito que havia cinco reinos que já haviam caído. Esses reinos eram Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, Roma pagã e Roma papal. William Miller não conseguiu desvendar essa passagem no capítulo dezessete, pois não conseguiu reconhecer que a Roma papal era um reino distinto da Roma pagã. Ainda assim, a sequência é abordada nos capítulos doze e treze de Apocalipse, pois o dragão do capítulo doze representava Roma pagã, a besta que subiu do mar no capítulo treze era o papado e a besta da terra representa os Estados Unidos. A Irmã White identifica essas três bestas como o dragão, a besta e o falso profeta. Ao apresentar seu testemunho, ela identifica a sequência dos reinos, e a sequência concorda com a aplicação que estamos fazendo de Apocalipse dezessete.

Sob os símbolos de um grande dragão vermelho, de uma besta semelhante a um leopardo e de uma besta com chifres semelhantes aos de um cordeiro, foram apresentados a João os governos terrenos que especialmente se empenhavam em pisotear a lei de Deus e perseguir o Seu povo. A guerra prossegue até o fim do tempo. O povo de Deus, simbolizado por uma mulher santa e por seus filhos, foi representado como estando em grande minoria. Nos últimos dias, apenas um remanescente ainda existia. Desses, João fala como os que 'guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo'.

Por meio do paganismo, e depois por meio do Papado, Satanás exerceu seu poder por muitos séculos em um esforço para apagar da terra as testemunhas fiéis de Deus. Pagãos e papistas eram movidos pelo mesmo espírito do dragão. Diferiam apenas em que o Papado, sob o pretexto de servir a Deus, era o inimigo mais perigoso e cruel. Por intermédio do Romanismo, Satanás tomou o mundo cativo. A igreja que professava ser de Deus foi arrastada para as fileiras desse engano, e por mais de mil anos o povo de Deus sofreu sob a ira do dragão. E quando o Papado, despojado de sua força, foi forçado a desistir da perseguição, João contemplou um novo poder surgindo para ecoar a voz do dragão e levar adiante a mesma obra cruel e blasfema. Esse poder, o último que há de travar guerra contra a igreja e a lei de Deus, foi simbolizado por uma besta com chifres semelhantes aos de um cordeiro.

"Mas o traçado severo do lápis profético revela uma mudança nesta cena pacífica. A besta com chifres semelhantes aos de um cordeiro fala com voz de dragão, e 'exerce todo o poder da primeira besta na sua presença'. A profecia declara que dirá aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta, e que 'faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na mão direita, ou nas testas; e que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome'. Assim, o Protestantismo segue os passos do Papado." Signs of the Times, 1º de novembro de 1899.

No primeiro parágrafo da última passagem, a irmã White identifica Roma pagã, Roma papal e os Estados Unidos como "governos terrenos". No segundo parágrafo, ela identifica que os governos foram sequenciais quando diz: "por meio do paganismo, e depois por meio do Papado", e "quando o Papado, despojado de sua força, foi obrigado a desistir da perseguição, João viu surgir um novo poder para ecoar a voz do dragão e levar adiante a mesma obra cruel e blasfema". Ela não para aí, pois, no terceiro parágrafo, ela identifica que os Estados Unidos iriam impor outro reino a todo o mundo. Ela diz: "A besta com chifres de cordeiro fala com voz de dragão e 'exerce todo o poder da primeira besta diante dele'. A profecia declara que dirá aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta."

Os capítulos doze e treze de Apocalipse identificam Roma pagã, Roma papal, os Estados Unidos e a imagem mundial da besta, que é estabelecida pelos Estados Unidos. A definição da "imagem da besta" é a combinação de Igreja e Estado, e, para que o mundo inteiro estabeleça uma imagem da besta, por definição isso indica que, nos últimos dias, um governo mundial único será imposto sobre toda a Terra. Esse reino consistirá de um Estado e uma Igreja, com a Igreja governando a relação. Os capítulos doze e treze de Apocalipse identificam quatro reinos sucessivos, e esses mesmos reinos são representados no capítulo dezessete e também em Daniel, capítulo dois.

Em 1798, João viu que os cinco primeiros reinos da profecia bíblica já haviam caído e que, em 1798, um reino então existia. O reino da profecia bíblica que começou em 1798 era a besta da terra de Apocalipse 13, que começou como um cordeiro, mas termina falando como um dragão. Os Estados Unidos são o sexto reino de dois chifres da profecia bíblica, que sucede o quinto reino da Babilônia espiritual, que havia recebido uma ferida mortal. O quinto reino era a Babilônia espiritual, que havia sido tipificada pelo primeiro reino da Babilônia literal. O sexto reino de dois chifres havia sido tipificado pelos dois braços de prata.

Em 1798, ainda haveria um reino por vir, pois, em 1798, "o outro ainda não havia chegado." Quando esse sétimo reino entrou na história, ele apenas "continuará por um curto espaço." O quinto reino recebeu uma ferida mortal, o sexto reino tinha dois chifres e o sétimo reino apenas continua por um breve período de tempo. O contexto da passagem identificou que o sétimo reino é representado pelos "dez reis", pois, quando os "dez reis" se tornam um reino, eles governam apenas por "uma hora", e uma "hora" é um "espaço" curto. Quando os "dez reis" de fato reinarem, eles governam juntos por "uma hora" com a besta.

E os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam reino; mas receberão poder como reis por uma hora com a besta. Apocalipse 17:12.

Os "dez chifres" são o sétimo reino, mas governam juntamente com a besta por "uma hora". A "uma hora" é o período da crise da lei dominical que começa com a iminente lei dominical nos Estados Unidos. Eles concordam em governar com a besta, pois são forçados a fazê-lo pelo rei principal, os Estados Unidos. A irmã White, na passagem que acabamos de citar, identifica que o último poder a perseguir o povo de Deus é a besta da terra.

"João contemplou um novo poder surgindo para ecoar a voz do dragão e levar adiante a mesma obra cruel e blasfema. Esse poder, o último que há de travar guerra contra a igreja e a lei de Deus, foi simbolizado por uma besta com chifres semelhantes aos de um cordeiro." Signs of the Times, 1 de novembro de 1899.

O último reino da profecia bíblica é instaurado por meio do engano perpetrado pelos Estados Unidos, como o Falso Profeta. O reino começou como um cordeiro em 1798, mas, nos últimos dias, força o mundo a aceitar a imagem mundial da besta, que é, por definição, a combinação de uma Igreja e um Estado, com a Igreja no controle da relação. Esse reino também é identificado como uma união tríplice.

Os protestantes dos Estados Unidos estarão à frente ao estender as mãos através do abismo para apertar a mão do Espiritismo; estender-se-ão sobre o abismo para dar as mãos ao poder romano; e, sob a influência desta tríplice união, este país seguirá os passos de Roma ao pisotear os direitos de consciência. O Grande Conflito, 588.

A união tríplice é a união entre o dragão, a besta e o falso profeta, que, em Apocalipse 16, se dirigem aos reis da terra e conduzem o mundo ao Armagedom.

E vi três espíritos imundos, semelhantes a rãs, saírem da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta. Porque são espíritos de demônios, que operam milagres, os quais vão ao encontro dos reis da terra e de todo o mundo, para os reunir para a batalha daquele grande dia do Deus Todo-Poderoso. Apocalipse 16:13, 14.

O "poder romano" é o papado, a besta e o quinto reino da profecia bíblica que recebeu uma ferida mortal. Os "protestantes" representam os Estados Unidos, o falso profeta, o sexto e último reino da profecia bíblica. O "espiritismo" equivale às Nações Unidas, ao dragão e ao reino que concorda em reinar por uma hora com a besta. A união tríplice é realizada durante a "uma hora" que é a "hora" do "grande terremoto" em Apocalipse onze, que é a iminente lei dominical.

“Pelo decreto que impõe a instituição do Papado em violação da lei de Deus, nossa nação se desligará plenamente da justiça. Quando o Protestantismo estender a mão através do abismo para apertar a mão do poder romano, quando se estender sobre o precipício para dar as mãos ao Espiritismo, quando, sob a influência dessa tríplice união, nosso país repudiar todo princípio de sua Constituição como governo protestante e republicano, e tomar providências para a propagação das falsidades e ilusões papais, então poderemos saber que chegou o tempo da operação maravilhosa de Satanás e que o fim está próximo.” Testemunhos, volume 5, p. 451.

No capítulo dois de Daniel, Babilônia, o primeiro reino da profecia bíblica representado pela cabeça de ouro, tipifica a Babilônia espiritual, o quinto reino da profecia bíblica. O reino duplo dos

medos e persas, os ombros e braços de prata, o segundo reino da profecia bíblica em Daniel 2, representa a besta da terra de dois chifres, os Estados Unidos, o sexto reino da profecia bíblica. O bronze da imagem de Daniel 2, que representa a Grécia, o terceiro reino da profecia bíblica, representa as Nações Unidas, a sétima cabeça que permanece por "uma hora", e que concorda em aceitar uma posição na tríplice união do dragão, da besta e do falso profeta.

O reino de ferro de Daniel capítulo 2, o quarto reino da profecia bíblica, representa o oitavo reino, que é dos sete. A Roma pagã literal, o quarto reino, representa a Roma moderna, que é um reino estruturado pela combinação de Igreja e Estado, com a Igreja governando a relação. Esse reino é de natureza tríplice, pois o rei principal dos "dez reis" é o sexto reino, que é a besta da terra. O sexto reino é Acabe, que era casado com Jezabel. O sexto reino, quando representado em sua união tríplice, é a Roma moderna, que foi precedida pelo quinto reino, que foi a Roma papal, que por sua vez foi precedida pelo quarto reino, a Roma pagã.

Os mileritas viam apenas Roma como o quarto e último reino. Reconheciam que ela tinha uma natureza dupla, mas não viam nenhum outro reino terreno que se seguisse. O quarto reino era a Roma pagã, que precedeu a Roma papal, o quinto reino, seguida pela Roma moderna, o sexto reino. O sexto reino é o terceiro de três manifestações romanas.

A tríplice união do dragão, da besta e do falso profeta é ao mesmo tempo Roma moderna e também Babilônia, a Grande, cuja ferida mortal foi curada. Os Estados Unidos, as Nações Unidas e a meretriz de Tiro representam o oitavo e último reino, mas os três são aliados na tríplice união do sexto reino, que é o último poder "a fazer guerra contra a igreja e a lei de Deus".

Os Estados Unidos são um terço do sexto reino. As Nações Unidas, como parte da união tríplice, são também um terço do sexto reino, e o papado é também um terço do sexto reino. Neste nível, o número dos Estados Unidos é SEIS, e o número das Nações Unidas é SEIS e o número do papado é SEIS. A união tríplice representa o número de um homem, o "homem do pecado", e o seu número é SEIS-SEIS-SEIS.

Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem; e o seu número é seiscentos e sessenta e seis. Apocalipse 13:18.

O sexto e último reino separado são os Estados Unidos, mas eles enganam o mundo, pois são o Falso Profeta.

E ele exerce todo o poder da primeira besta diante dela, e faz com que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja ferida mortal foi curada. E faz grandes prodígios, de modo que faz descer fogo do céu à terra à vista dos homens, e engana os que habitam na terra por meio dos milagres que tinha poder de realizar à vista da besta, dizendo aos que habitam na terra que façam uma imagem à besta, que recebera ferida de espada e viveu. Apocalipse 13:12-14.

O "poder da primeira besta diante dele" representa o poder que foi dado ao papado pelos reis da Europa, começando com Clóvis no ano 496. Os Estados Unidos usam seu poder militar, acompanhado de seu poder econômico, para enganar e coagir o mundo. Os Estados Unidos

obrigam o mundo a adorar o papado, por meio da imposição do culto dominical. Os Estados Unidos realizam grandes maravilhas ao fazer descer fogo do céu (um símbolo de uma mensagem), o que há de se cumprir pela Superestrada da Informação, que representa o pleno desenvolvimento da lavagem cerebral e da propaganda, que é a manifestação moderna da hipnose. Por causa da crise crescente trazida à terra pelo Islã, à medida que cumpre seu papel de irritar as nações, o mundo é enganado a aceitar o sistema mundial de combinação de Igreja e Estado, que consiste no dragão, na besta e no falso profeta.

Quando o versículo dezoito de Apocalipse treze diz: “conte o número da besta”, esse número corresponde aos três poderes que se unem para formar o sexto e último reino. Quando esse reino de 666 for estabelecido, será o cumprimento do enigma profético de que o oitavo rei é dos sete. Esse enigma profético faz parte da verdade que é deslacrada quando o Leão da tribo de Judá deslacrará o Apocalipse de Jesus Cristo.

Por essa razão, o enigma do reino final, que é o sexto reino tríplice, que é também a Babilônia espiritual que foi esquecida por setenta anos simbólicos, e que é a Roma moderna, e que é também a imagem mundial da besta, como foi tipificado pelo primeiro reino da Babilônia e pelo quarto reino da Roma pagã, é duplamente atestado pela indicação de que são os 'sábios' que compreenderão esta verdade, pois o enigma do 666 se baseia naqueles que têm sabedoria, assim como o enigma de que o oitavo rei é dos sete.

Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem; e o seu número é seiscentos e sessenta e seis. Apocalipse 13:18.

E aqui está a mente que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está sentada. Apocalipse 17:9.

O desvendar da Revelação de Jesus Cristo é compreendido pelos "sábios", não pelos ímpios. Ambas as referências à sabedoria no livro do Apocalipse referem-se àqueles que têm "entendimento", e o que os "sábios" entendem é o "aumento do conhecimento". O "aumento do conhecimento" que é a Revelação de Jesus Cristo é a revelação de que o oitavo reino, que é o reino tríplice do 666, também está representado em Daniel, capítulo dois, pois as joias do sonho de Miller hão de brilhar dez vezes mais nos últimos dias.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

No Apocalipse estão retratadas as coisas profundas de Deus. O próprio nome dado às suas páginas inspiradas, “a Revelação”, contradiz a afirmação de que se trata de um livro selado. Uma revelação é algo revelado. O próprio Senhor revelou ao Seu servo os mistérios contidos neste livro, e Ele tem o propósito de que estejam abertos ao estudo de todos. As suas verdades são dirigidas aos que vivem nos últimos dias da história desta terra, assim como aos que viviam nos dias de João. Algumas das cenas retratadas nesta profecia pertencem ao passado; outras estão ocorrendo agora; algumas apresentam o desfecho do grande conflito entre os poderes das trevas e o Príncipe do céu, e outras revelam os triunfos e as alegrias dos remidos na terra renovada.

Que ninguém pense que, por não conseguir explicar o significado de cada símbolo no Apocalipse, é inútil examinar este livro no esforço de conhecer o sentido da verdade que ele contém. Aquele que revelou esses mistérios a João dará àquele que busca diligentemente a verdade um antegosto das coisas celestiais. Os que têm o coração aberto para receber a verdade serão capacitados a compreender seus ensinamentos, e lhes será concedida a bênção prometida aos que 'ouvem as palavras desta profecia e guardam as coisas que nela estão escritas'.

No Apocalipse, todos os livros da Bíblia se encontram e terminam. Aqui está o complemento do livro de Daniel. Um é uma profecia; o outro, uma revelação. O livro que foi selado não é o Apocalipse, mas aquela parte da profecia de Daniel relativa aos últimos dias. O anjo ordenou: 'Mas tu, ó Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até o tempo do fim.' Daniel 12:4. Atos dos Apóstolos, 584, 585.